
Luísa Dacosta

diz que

a única liberdade total está no sonho

Esta escritora nasceu na zona de Trás-os-Montes e foi professora de História e depois de Português. Como queria dar coisas novas e diferentes aos seus alunos, começou a escrever para crianças (uma capacidade que julgava não ter porque, diz ela, é muito pessimista). Como viveu durante muito tempo perto das plantas, das flores e dos animais, gosta de incluir a natureza nas suas histórias e revelou-nos que todos podemos acordar a primavera através de pequenos gestos.

É de origem transmontana. Quais são as memórias mais queridas que guarda da infância em Vila Real?

O mimo com que se tratava as crianças. Eu fui muito mimada e também o meu irmão (que era o único que tinha e que infelizmente já morreu). Brincávamos muito com os primos e, como eles eram mais da minha idade e as primas já se queriam separar da dita infância, usei um bocado uma coisa que queria muito: ser rapaz. Não era, mas brinquei muito com rapazes como o meu irmão e os meus primos: subi às árvores, aos muros, jogava ao eixo... Fazia o Diabo! De maneira que às vezes a minha mãe perguntava: «Onde é que está essa menina, que ainda não está em casa!?» Esses eram outros tempos; dormíamos com a porta da casa aberta (a porta da rua) até aos meus 10 anos – ninguém rouba móveis de boca (pessoas que comem, que tinham de ser alimentadas)... Fui muito mimada; é uma das coisas que guardo mais, o mimo. Outra coisa que guardo com muita força é o azul amassado com violetas das



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

encostas do Marão, que se viam do meu quintal, e que eram para mim uma barreira, por outro lado. Eu ansiava conhecer como seria o mundo para além do Marão. A primeira pessoa a sair foi o meu primo Jorge, que foi ao Porto e me deixou desconsolada. Eu perguntei «Então e como é o Porto?» e ele respondeu «Ah, é igual: tem mais casas e mais ruas...» Mas eu achei que não – até porque o meu pai costumava ir à ópera ao Porto – e depois verifiquei que tinha outras coisas: um museu onde estava uma paixão minha, o Henrique Pousão, no Museu Soares dos Reis. Tive, portanto, uma infância muito feliz.

Quando é que começou a gostar de histórias?

Desde criança, porque contavam-me histórias a mãe (sobretudo da tradição portuguesa) e a ama (ditos e coisas mais ligadas aos aspetos da cultura galega). Ela chamava-me uma palavra com que me enervava: «Esta menina é uma “tolitates”!» Passados anos encontrei esta palavra num autor galego (Alfonso Castelao), n’*Os Velhos Não Devem Namorar*, e lá está que o velho, como estava apaixonado, era um «tolitates». Havia ainda outra pessoa que me contava histórias (mas essas eram um bocado trágicas e ligadas à religião), que era a minha tia. Minha tia contava coisas extraordinárias, como a de uma menina (Catrininha), por exemplo, cuja mãe não queria que ela fosse para a fé de Cristo. Ela muito queria e a mãe mandou fazer uma roda de cutelos e navalhas para a menina passar seus tormentos e trabalhos. Depois, «veio um anjo do céu à terra, toda a roda esbandalhou, e pegou em Catrininha e para o céu a levou». E assim foi ela viver para o céu! Enfim, eram estas as coisas de que realmente gostava muito. Aliás, colecionava palavras como outras pessoas colecionam fitas ou qualquer coisa. Vou-lhe ensinar uma palavra que nunca ouviu. Uma vez a minha mãe foi para uma aldeia lá da serra. Estava a começar a instalar-se, quando, a determinada altura, veio uma rapariga da cozinha toda aflita: «Ai senhora, venha acudir ao leite que se está a asseivar!» Ou seja, está-lhe a sair a seiva; não havia naquela altura coisas em que pôr os fervedores e o leite estava a sair por fora. Foi uma das primeiras palavras que guardei.

Quando é que começou a gostar de ler?

Quando aprendi a ler, gostava eu muito de ler, e havia muitas histórias que a mãe não contava tanto, as histórias de fadas. Quando fui para o liceu, aos 9 anos, tive um choque da leitura que me fez muito bem, mas que foi terrível. Na biblioteca do liceu, que era boa, havia livros de Hans Christian Andersen; eu li «A menina dos fósforos» e tive um choque! Como é que se podia fazer uma história em que a rapariga morre? Isso ensinou-me a meter também a dor nas histórias.

Como é que se tornou escritora?

Um bocado pela minha doença. Quando as pessoas são pequenas querem ser milhentas coisas, e eu queria ser bailarina clássica. Até porque os meus pés prestam-se a isso, ponho-me em pontas facilmente. Simplesmente vivia na província e não havia tal coisa. Depois queria ser jornalista, para viajar e andar de uns lados para os outros, depois advogada... Por último, tive uma tuberculose que demorou dois anos a descobrir, porque não tinha febre, não tinha hemoptises – não tinha sintomas; sou uma pessoa que nunca tem sintomas (é uma maçada às vezes...). Lá foi com essa doença que me tornei escritora, porque naquela altura não se podia receber visitas, tinha de se fazer uma coisa horrorosa que era estar estendida na cama (por exemplo, duas horas a seguir ao almoço e a seguir ao jantar) e não falar com ninguém, nem ler. Aí comecei a tomar uns apontamentos... Nunca pensei escrever para crianças, porque sou pessimista e a minha literatura não é cor-de-rosa; pensava não ser capaz, embora houvesse,

.....

como disse, o caso do Andersen que me influenciou muito. Fui dar aulas com aquelas vindimas do Dr. Oliveira Salazar... – que nunca viu uma vindima, a exploração atroz que era uma vindima e a fome que as mulheres passavam, pois só tinham direito a sopa (se quisessem pão tinham de o levar de casa; só os homens é que comiam uma sardinha). A quadra popular é que está certa:

«Fui ao Douro às vindimas,
Não achei que vindimar
Vindimaram-me as costelas
Foi o que lá fui apanhar».

Ora aqueles livros do tempo do Dr. Salazar davam as vindimas com cantigas (era tudo uma maravilha) e estradas que ele estava a fazer. Mas eu não gosto de dar estradas, nem cantigas e, sobretudo, coisas mentirosas, porque tinha uma experiência de vindimas que não era assim. Isso obrigou-me a escrever para dar exercícios escritos. Comecei por coisas pequenas, e depois comecei a escrever para eles (os alunos). As minhas histórias têm alguma parte dolorosa; não têm propriamente a morte, embora dela se possa falar, mas têm a dor e a necessidade que as pessoas têm umas das outras.

Porque é que quase todos os seus livros começam com a frase «no sonho, a liberdade...»?

Porque eu acho que a única liberdade que há nesta vida é no sonho. De resto, tenho de ir pelos sítios que a rua manda, tenho de fazer certas coisas, que pagar certas contas do Estado naquela altura; está tudo programado. A única liberdade total de fazer o que lhe der na cabeça ou de pensar até contra certas regras, só no sonho. Escolhi essa de propósito.

Já foi professora e escreveu que não se afastou do sonho por causa dos seus alunos. Quer explicar melhor esta ideia?

Eu só estive em duas escolas (Ramalho Ortigão e Francisco Torrinha, no Porto); tive 20 valores no exame de Estado e podia escolher a escola em que queria ensinar (exceto se um homem tivesse 20, porque nessa altura ainda era o Dr. Salazar que mandava e se um homem e uma mulher tivessem 20, ficava o homem e a mulher ia passear). Escolhi uma escola que tinha sido uma escola técnica, com possibilidades muito grandes: de se fazer gravura, tinha cinema... Dei Charlot, o *Charlot na Rua da Paz*, e do Marcel Marceau, em grande ecrã, o *Un Jardin Publique*, que fizemos como trabalho e depois fomos testá-lo ao Jardim de São Lázaro para eles verem os namorados, as pessoas a passear, o coreto... Tive nessas escolas uma grande liberdade. Tive até um diretor que me disse: «A senhora não dá mais História, porque professores de História ainda há; só vai ensinar Português!» Eu era formada em História e Filosofia e não em Português, mas nunca mais dei História e ali no ciclo só podia dar Português. Depois fui para a experiência de Veiga Simão (lançamento dos 7º e 8º anos de escolaridade), que também foi muito interessante e onde também me deixaram fazer aquilo que eu quis.

Porque é que muitas vezes usa palavras mais difíceis nos seus livros?

Mais difíceis? Não sei; uso palavras transmontanas, que podem ser pouco vulgares, menos conhecidas, mas não são propriamente palavras difíceis. Além disso, eu estou ali para explicar e as pessoas estão ali para aprender a língua e, portanto, têm de ir sempre um bocadinho acima das suas idades, para lhes despertar a curiosidade.

.....

N'O Rapaz que Sabia Acordar a Primavera e noutros livros seus as histórias acontecem muitas vezes no meio da natureza; porquê?

Sim, porque gosto muito da natureza, passei muito pelos montes e essa história d'O Rapaz que Sabia Acordar a Primavera passa-se perto de uma região onde há uma barragem, um riozinho pequeno que eu descrevo. Essa história tem uma graça, que também é uma característica minha: conto muitas vezes não com a narrativa, mas com a descrição, porque a descrição é a única coisa que faz parar o tempo e é uma coisa de que gosto, fazer parar o tempo. O enredo e a ação são pouco; a descrição ocupa muito mais espaço, porque dá um momento de encantamento que se pode prolongar, ao passo que a narrativa anda constantemente.

Acha que é possível acordar a primavera como fazia o rapaz desse livro?

Bem, não sei se era capaz, mas inspirei-me numa conversa com um aluno que acordava a primavera (achava ele). Portanto, acho que sim, todos nós podemos acordar a primavera: você veste um vestido mais leve e acorda a primavera de várias maneiras. E ele era assim: vivia muito no campo, com muitos pássaros (e os pássaros aparecem mais na primavera). Já sabia os sítios dos pássaros; fazia uma restolhada e eles saíam, era fácil acordar assim a primavera. A mim permitiu-me fazer essa história como eu gosto, usando mais a descrição, que é mais lenta, do que a narrativa: o tempo manda. ■